

O que restou do sonho da universidade da nova capital?

» REMI CASTIONI E GILBERTO LACERDA DOS SANTOS
Professores da Faculdade de Educação da UnB



Em 1961, menos de 500 dias desde sua inauguração, Brasília viveu momentos de intensa agitação política. Teve dois presidentes da República e um primeiro-ministro. Entre os atropelos da agenda parlamentar, desde a leitura da carta de renúncia de Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, e o impedimento da posse de João Goulart, alguns projetos da área da educação tiveram tramitação surpreendentemente acelerada nos meses que se sucederam até dezembro de 1961.

Um deles foi o Projeto de Lei 1.861/1960, que deu entrada no Congresso Nacional no dia da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Menos de quatro meses depois de aprovada pela Câmara, a criação da Fundação Universidade de Brasília – FUB, foi sancionada por João Goulart, por meio da Lei 3.998, de 15 de dezembro de 1961.

A criação da FUB e da UnB foi viabilizada depois de vencidas resistências do círculo íntimo de Juscelino Kubistchek, particularmente dos seus fiéis escudeiros, Israel Pinheiro e Bernardo Sayão, que a queriam fora da capital. A pedido de Clovis Salgado, ministro da Educação, representativas lideranças educacionais foram escaladas para elaborar a proposta da UnB: Pedro Calmon, João Christovão Cardoso, Anísio Teixeira, Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, Darcy Ribeiro e Almir Castro. A educação era uma das 30 metas do governo JK, que precedeu a própria meta-síntese, que foi a construção de Brasília.

Anísio Teixeira era a figura principal nesse tabuleiro. Entre 1951 e 1964, dirigiu o Inep e a Capes, que concentravam 80% dos recursos

do então Ministério da Educação e Cultura. Em 1959, Anísio Teixeira, encarregado por JK, dirigiu a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (Caseb), a qual já previa a criação de uma universidade para a nova capital.

A parceria com Darcy Ribeiro foi fundamental no projeto da UnB. Primeiro pelo seu trânsito com os meandros da política, depois pela vivência com os educadores no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, onde discutia o papel exercido pela educação na sociedade. Sua principal formulação fora entender que a universidade teria de ficar longe dos governos e ter autonomia. Aprendendo com as frustrações do projeto original de Anísio Teixeira, a UDE, abortado pelo Estado Novo, Darcy Ribeiro dotou a UnB de condições ímpares para “sobreviver”, caso precisasse, com a incorporação de um significativo patrimônio imobiliário, incluindo 12 superquadras na Asa Norte e ações de empresas estatais.

Pensada de forma diversa das demais, a UnB propunha inicialmente acesso dos jovens aos seus cursos de graduação a partir de grandes áreas de conhecimento. A escolha das profissões se daria posteriormente. O primeiro contato seria nos Institutos Centrais e depois, quando os alunos tivessem melhor compreensão, iriam para as carreiras profissionais. A precocidade evitaria a evasão, debate atualíssimo que já era enfrentado por Anísio e Darcy. Tendo por coração o Instituto Central de Ciências, desenhado por Oscar Niemeyer e Lelé Filgueiras, o câmpus da UnB foi pensado de forma harmônica ao projeto pedagógico inovador.

Entretanto, o projeto ousado de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, elaborado bem antes da instalação da universidade, denominado de Plano Orientador da UnB, permanece intacto apenas no papel e vem sendo gradativamente desfigurado. Poucos anos depois de sua criação, no golpe militar de 1964, Anísio Teixeira, então reitor da universidade que ele próprio concebera, foi apeado da reitoria. A reforma imposta pelos militares em 1968 sufocou o modelo vanguardista dos ciclos de formação inicial, dando gênese a um movimento de aniquilamento do projeto anisiano de Universidade para o Brasil.

Mais recentemente, o ano de 2019 se iniciou deixando para trás a ousadia impressa na criação da UnB. Inexplicavelmente, em sessão do Conselho Universitário, o Plano Orientador da UnB foi revogado sem ampla discussão com a comunidade universitária (Resolução 17/2018), sob a égide de atualização de sua missão e de seus rumos, tal qual fizera o autoritarismo nas duas vezes anteriores — o Estado Novo e o golpe militar. Ou seja, não existe mais o plano revolucionário da dupla que se encontrou e deu vida a um projeto progressista de universidade para o Brasil. Assim, de ato em ato, vai sendo desmanchado o projeto renovador de uma universidade ímpar para o Brasil. Perdemos todos, posto que sonhos tão pertinentes e atuais não podem ser revogados. Lutemos então pela manutenção dos ideais de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. E permaneçamos combativos em prol da universidade anisiana, cujo modelo ainda é capaz de provocar uma mudança radical em nossa sociedade.

UnB segue atuante e necessária

» MÁRCIA ABRAHÃO
Reitora da Universidade de Brasília (UnB)

De forma gradual e segura, a Universidade de Brasília retornou ao trabalho presencial no começo de dezembro. Durante um ano e oito meses, nossos quatro câmpus — Asa Norte, Planaltina, Gamma e Ceilândia — e as demais unidades da UnB, como a Fazenda Água Limpa e a Casa de Cultura da América Latina, restringiram a circulação de pessoas ao mínimo necessário, para que pudéssemos nos juntar à luta contra a covid-19. Não foi fácil. Não tem sido fácil. E o futuro espera de nós ainda mais coragem e generosidade.

Nesse período, os serviços essenciais da universidade foram mantidos e muitos continuaram a trabalhar de modo presencial, por exemplo, em laboratórios que desenvolvem pesquisas em todas as áreas do conhecimento, incluindo inúmeros projetos relacionados à pandemia, e no Hospital Universitário, o HUB. Agora, com parcela significativa da população vacinada, chegou a hora de retomar aos nossos espaços físicos outras atividades presenciais. Estamos fazendo isso aos poucos, com planejamento e segurança. Temos documentos com protocolos de biossegurança e orientações diversas. Os prédios estão devidamente sinalizados. Alguns espaços passaram por adaptações.

Chegamos ao final de mais um ano de enfrentamento à grave crise sanitária, em que os cientistas da UnB e de todas as universidades e instituições de pesquisa fizeram trabalho exemplar, claramente evidenciado pelos veículos de comunicação brasileiros e com amplo reconhecimento da população. Foram também meses de negociação intensa na tentativa de recomposição dos orçamentos das universidades públicas, que vêm diminuindo

nos últimos anos.

Por meio da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), fizemos inúmeras reuniões no Congresso Nacional, principalmente com parlamentares da Comissão Mista de Orçamento que têm apoiado a manutenção dos recursos em patamares compatíveis com a nossa grandeza e importância, em valores de que as universidades já dispuseram antes para oferecer ensino, pesquisa e extensão de qualidade. Nesse capítulo, ainda há muito a avançar.

Em 21 de abril de 2022, a UnB completa 60 anos de uma trajetória singular, com altas e baixas orçamentárias, com ataques e defesas em torno de sua liberdade de existir e compartilhar conhecimentos. No último dia 15, demos início a uma programação intensa de ciência e alegria que preparamos para contar à sociedade brasileira, ao longo de todo o próximo ano, a história da universidade e lembrar do nosso papel na atualidade. A reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em julho, será um dos pontos altos da festa.

Assim, o slogan que escolhemos para comemorar o aniversário retoma e ressoa Darcy Ribeiro, um de nossos criadores, e se conecta ao presente e ao futuro. A frase estava numa entrevista que dei ao **Correio Braziliense** em maio. Tenta resumir o lugar real e imaginário que ocupamos na capital do país e na vida dos milhares de profissionais formados pela UnB e os mais de 50 mil estudantes que atualmente circulam on-line e pelos nossos quatro câmpus: “Atuante como sempre, necessária como nunca”.

As atividades acadêmicas da UnB

recomeçam no próximo dia 17 de janeiro, com aproximadamente 1,2 mil disciplinas oferecidas de modo presencial ou semipresencial. Em tempos muito difíceis, é ótimo compartilhar essa pequena alegria do reencontro com a nossa querida universidade, sua gente diversa, suas salas, corredores e prédios, seus jardins, quadras e demais espaços. Sem esquecer que o momento ainda pede muita cautela para que possamos olhar a felicidade diretamente nos olhos.

Permanece a dor dos que partiram, dentro e fora da comunidade acadêmica — professores, servidores técnico-administrativos, estudantes e terceirizados que trabalham na UnB. Nossa solidariedade se manifesta no cuidado com o outro, na certeza de que a vacina é nosso melhor escudo. Sim, há uma sensação de impotência pairando no ar que procuramos combater com a ciência e a verdade, certos do caminho que a universidade pública escolheu.

Desde o princípio, a UnB preferiu salvar vidas. Continuaremos nessa toada. Se os dados epidemiológicos continuarem a nos autorizar, voltaremos gradualmente ao convívio presencial, ainda com máscara, distanciamento e álcool em gel nas mãos. Nossa atenção permanecerá direcionada ao comum, ao que nos faz uma comunidade universitária linda, ao afeto pessoal e à força solidária que nos transformam cotidianamente para melhor, sem perder a graça de viver, de sorrir, de gostar.

Que 2022 nos presenteie com muitos fatos científicos relevantes, com muita democracia, mais respeito à educação e à diversidade, e disposição humana infinita para o convívio harmônico em sociedade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A crise entrou de férias

Passadas as festas de fim de ano, 2022, que já se anuncia no horizonte, promete ser um tempo de grandes expectativas para o país e para os brasileiros. As mudanças que o país necessitava para, ao menos, se ver livre dos muitos problemas enfrentados ao longo de 2021, simplesmente não foram realizadas e sequer foram alinhavadas para o ano que começa. Não há, até o momento, evidência alguma de que os assuntos de Estado, de vital importância para a vida do cidadão e da sociedade, tenham sido tratados ou equacionados quer pelo Executivo ou pelo Legislativo. Com isso, o que temos pela frente são incertezas e um acúmulo de questões que vão se juntando e que acabarão agora misturadas às eleições ou diluídas em infindáveis debates e discussões políticas frívolas e sem resultados práticos. A pandemia embrulhou todas essas questões num volumoso pacote de fim de ano e esse parece fazer esquecido bem no meio da Praça dos Três Poderes, debaixo da chuva e sob o olhar indiferente das autoridades. As únicas providências que parecem existir, para esse novo ano, se resumem na movimentação das campanhas, um tema que interessa, sobremaneira, apenas aos candidatos, todos de olhos postos nos futuros mandatos.

É nesse ponto que as coisas começam a fazer algum sentido para o cidadão desperto. Não existe, de fato, um Estado brasileiro, no sentido moderno do termo ou que possua sequer algum sentido conceitual ou prático dentro do que se entende por ciência política. O que há é um arranjo improvisado, distante das premissas de República, feito por indivíduos que encontram, no controle da máquina do Estado, benefícios para si e para seu grupo no entorno.

Para tanto exercem esse domínio, distribuindo os encargos que esse controle gera para o restante da população sobre a forma de impostos, tributos e outras taxações. As crises institucionais cíclicas, decorrentes desse arranjo, são todas elas oriundas de conflitos internos entre os controladores da máquina do Estado, e não dizem respeito ao cidadão comum, que permanece à margem de todo esse processo.

No Brasil, o agravante dessa disformia de governo decorre do fato de que todo esse arranjo, feito sob a falsa fantasia de eleições e outros mecanismos da democracia, que empresta a esse processo um pálido verniz de legalidade e constitucionalidade, é feito sob critérios de compadrismo, semelhante ao que apontava Sérgio Buarque de Holanda em Raízes do Brasil, quando criou o conceito do homem cordial.

O que presenciamos nesse governo com mais nitidez e, em outros passados, com maior ou menor grau, é essa constante em fazer da máquina pública do Estado uma instância a prover diretamente os indivíduos que a controlam e que professam o mesmo credo ou possuem laços sanguíneos ou ideológicos. Ao restante, às leis e o jogo de instâncias como a Receita Federal, e outros órgãos de controle do Estado.

Em linhas gerais é o que existe e que é causa e consequência de tudo o que aflige o país. Com a chegada das festas de fim de ano, se é que existem razões para se falar em festas, pelo menos existe a perspectiva de que o grosso das chamadas autoridades estão em recesso prolongado longe do poder. Tal fato pode ser encarado como algo animador, já que se constata, nesse período, que a “crise” entrou de férias e viajou para bem longe da capital.

» A frase que foi pronunciada

“Eis a Brasília que eu recordo agora/ Esta que quando conheci estava em plena gestação ainda (...)/ Nasceu cantando para mim/Mas se faltava letra eu escrevi/ Esta história de amor que jamais terá fim”

Geraldo Vasconcelos, declaração resgatada pelo ex-senador Valmir Campelo

Mais barato

» Não que seja uma novidade, mas as casas pré projetadas e fabricadas estão deixando os canteiros de obras vazios, e as fábricas bastante movimentadas. Por ser uma forma mais barata tanto para quem compra quanto para quem produz, a construção off-site está voltando. Países desenvolvidos adotaram a nova engenharia e arquitetura repaginando os edifícios modulares.

Esforço

» Por cima de todas as críticas recebidas no início da gestão, a Neo Energia está se aproximando da população abrindo novos pontos para atendimento presencial. Paranoá, Planaltina e São Sebastião e, agora, Taguatinga e Samambaia.

Novo ano

» Nosso muito obrigado ao Mamfil, Manoel Andrade, nosso colaborador nesta coluna; Bruna Madureira, que nos auxilia nas redes sociais; e, principalmente, a cada um dos nossos leitores que, carinhosamente, sempre lembrando a memória de Ari Cunha, nos incentivam a prosseguir, mantendo o nome do filósofo de Mondubim na memória da cidade, que ajudou a construir. Os nossos sinceros agradecimentos.

» História de Brasília

Mais uma para os inimigos de Brasília: os testes para o funcionamento da Estação de Tratamento de Esgotos têm sido excelentes e, até 21 de abril, estará funcionando plenamente. (Publicada em 16/02/1962)